

A efêmera utopia dos escravos de Nueva Granada: o caso do palenque de Cartago

The ephemeral utopia of Nueva Granada slaves: the Cartago palenque case

Pablo Rodríguez

Do século XVI ao XIX o continente americano viveu uma história inédita e um dos seus aspectos mais peculiares foi o sistema escravista, sistema que, da América do Norte ao Chile, e das Antilhas e Brasil até as costas peruanas, cobriu variedade de realidades econômicas, sociais e culturais.¹ Em todos estes lugares também, como reação aos duros ritmos de trabalho, a violência exercida, a pobreza a que se submetia, foram conhecidas rebeliões e levantes de escravos, além de fugas individuais, de casais e pequenos grupos. Em poucos casos se tratou, como no Brasil ou no Suriname, do estabelecimento de sistemas alternativos de sociedade e de autênticas ameaças à ordem colonial. Tratou-se sim, na maioria das vezes, de protestos e reclamações contra o abandono dos senhores. As leis que lhes ampararam foram tardias e pouco reconhecidas.² Assim, o interesse em trocar de senhor ou formar um casal com quem se desejasse eram aspirações pouco alcançáveis, apesar de que antigas leis assim o considerassem.

A magnitude do *palenque* de Cartago é pequena, se comparada com o quilombo dos Palmares ou o *palenque* de San Basilio.³ Tanto pela brevidade de sua duração, o reduzido número de membros e a ambigüidade de seus propósitos, o *palenque* de Cartago parece mais uma reação espontânea e emotiva diante das condições de vida a que estavam submetidos os escravos das fazendas. Em sua formação primavam mais as intenções que cada um

tinha para ajeitar sua vida do que a preparação de um projeto subversivo coletivo, no entanto, seu caso nos oferece elementos de interesse para refletir sobre a vida cotidiana dos *cimarrones*.⁴ Um aspecto importante é o de que este grupo era formado por um bom número de pessoas livres (três mulheres e um homem) e que vários queriam consolidar sua vida conjugal impedida pela condição de cativos. Sua devoção e suas crenças religiosas nos falam de um grupo de escravos integrados culturalmente ao mundo dos brancos, ainda que sua fé não parecesse provocar um estado de resignação. Igualmente, é importante observar a existência de formas de organização e festejos dos escravos que, como alegorias, lhes permitiam esboçar um mundo de reconhecimentos próprios. O *cabildo* clandestino por eles formado, e as cerimônias em que se nomeavam vice-reis, governadores, alcaides e outras autoridades, revelam preeminências e hierarquias entre os negros que habitualmente desconhecemos.

Cartago, fundada em 1540, levou uma existência penosa devido à falta de população indígena em seus arredores. Sua escassa população e economia se sustentavam na criação de gado em rústicas fazendas. Foi o descobrimento de ricas minas de ouro na região Pacífica, no início do século XVIII, evento que a converteria em lugar de passagem obrigatória e que, devido a sua proximidade a estes distritos, a transformou em seu principal provedor de carnes e açúcar. Este fato deu impulso renovado a sua economia, observado principalmente na multiplicação das fazendas de gado e no surgimento de trapiches açucareiros trabalhados por uma população escrava em crescimento. Contudo, Cartago, em 1785, quando houve a fuga de escravos, era uma vila extremamente simples. Sua arquitetura era muito modesta e a maior parte da população vivia no entorno rural. Os escravos, fato notável, não estavam concentrados em poucas mãos. Muitos fazendeiros médios e pequenos possuíam quatro ou cinco escravos, com os que compartilhavam sua vida no campo.⁵ Talvez este fato seja a principal chave para explicar a clemência pedida pelos senhores para os *cimarrones* de Cartago.

Não obstante, a escravidão neogranadina transcorria em uma permanente tensão. Distintos registros criminais insinuam que os senhores viviam em estado de contínuo temor. Em Reales de Minas del Pacífico, uma região isolada, onde não havia presença de autoridades, os mineiros espanhóis deviam conviver com grupos de escravos numerosos. Ali o medo se convertia

em obsessão paranóica que, não poucas vezes, terminava em loucura. Convivendo com os escravos, muitos dos quais boçais, os senhores e capatazes brancos temiam que os alimentos que as negras lhes davam estivessem envenenados ou que os cantos que faziam nos domingos fossem um chamado para dar-lhes morte.⁶ No Vale do Cauca, a captura, em Cáli, do negro Pablo, em 1772, que havia confessado um suposto plano de fuga e insurreição, provocou uma enorme inquietude entre os fazendeiros. A autenticidade deste movimento nunca se demonstrou, no entanto foi citado como fato grave nos processos posteriores. Ainda que na região não tenham sido frequentes as mortes de senhores brancos em mãos de seus escravos, parece que o medo de que isso ocorresse era corrente. Pensavam, especialmente, que em qualquer momento podiam vingar os castigos que lhes infligiam. Por isso, muitos procuravam vendê-los em zonas afastadas do Reino, de onde não pudessem regressar. Outros simplesmente esperavam que o cepo ou o calabouço, lugares que se fizeram comuns nas fazendas da região, dissuassem efetivamente toda a pretensão de represália.

Os processos sobre os *palenques* e quilombos são documentos complexos. Quando menos, podemos dizer que ao longo deles se expressa uma luta de interesses, os do Estado, dos senhores e dos escravos. O processo do *palénque* de Cartago é um destes. Conduzido em primeira instância em Cartago, uma localidade menor e distante da capital, observou uma forte intervenção e manipulação dos senhores. Transladado a Santa Fé, o processo adquiriu outro teor com a intervenção da Audiência. Seria ingênuo ignorar que os interesses em luta conduzem, em ocasiões, à invenção de testemunhos e provas. Uma destas, que explico no texto, é a suposta intenção que tinham os escravos de roubar, violar e assassinar as mulheres brancas da cidade. Convém, portanto, uma leitura cuidadosa, atenta às circunstâncias, incidências e contexto, para descobrir as rupturas e manipulações nestes inquéritos. Assim, este processo, como todos os processos criminais, nos oferece um importante material para compreender o complexo processo de decisão da fuga, de sua realização e das efêmeras ilusões de liberdade nascidas no lugar do *palénque*.

A aventura da fuga

Provavelmente foi ao cair da tarde de 16 de agosto de 1785 quando se juntaram na ramada do trapiche de Dom Mariano Matute y Hormaza os escravos que planejavam fugir. Durante meses, escravos de distintos fazendeiros da região haviam considerado o plano de fugir para as montanhas e não eram poucos os que afirmavam estar de acordo. Assim que, impacientes, os que haviam chegado esperaram e quando tiveram a certeza de que já não chegariam outros, iniciaram o percurso seguindo a margem do rio La Vieja até um lugar chamado Los Cerritos. Caminharam toda a noite, quase sem descanso, até chegar à casa da índia Maria, com quem estavam acertados. Esta os manteve ocultos em um bananal durante todo o dia. Foi ali também onde se juntou a eles a negra Manuela com seu filho Cristóbal, que havia chegado no dia anterior. Durante a noite voltaram ao caminho, desta vez guiados por Pedro, um índio de confiança da índia Maria. Durante dois dias o grupo caminhou até o Rio do Otún, onde o índio Pedro os deixou, indicando o caminho até as montanhas. Lugares com mata cerrada, impenetráveis, onde presumível e equivocadamente habitavam os índios Cocamas, os quais, por serem inimigos dos brancos, lhes dariam ajuda.

O grupo era formado pelo escravo Prudêncio, que se converteu em líder, sua esposa Martina e seu filho Marcos; os escravos Andrés, Juan José, Juan Manuel, Simon, Atanásio de los Santos, Manuela, Cristóbal e Paula; o mulato livre Vicente Dosaga e as mulatas, também livres, Juana Romero e Maria Avellaneda. Prudêncio, sua mulher, seu filho e o escravo Juan Manuel pertenciam a Dom Mariano Matute, enquanto que os demais escravos eram de Dom Francisco de Castro, Dom Jacinto Usechi, Dom Antônio Mazuera, Dom Simón de Soto e Dom Pedro de Aguilar. Todos se empenhavam em trabalhos domésticos e no campo, menos Juana Romero, que era parteira e costureira, Cristóbal, que era ferreiro, e Prudêncio, que era Capitão de Estância. Foi esta condição que converteu Prudêncio em guia da pequena insurreição.

Conscientes da importância de assegurar provisões tanto para a fuga como para sua sobrevivência, Prudêncio, Andrés e Atanásio roubaram um terneiro e um porco para salgar suas carnes. Também levaram sementes de feijão, milho e tabaco, que foram dispersando por onde faziam paradas. As

três semanas que conseguiram permanecer em seu *palenque* foram ocupadas em levantar cabanas que seriam destinadas a grupos familiares, cultivar, caçar, pescar e cozinhar. Durante a noite rezavam, conversavam sobre planos futuros e dormiam em casais.

O lugar escolhido para estabelecer o *palenque* era impenetrável e ideal para resistir a qualquer ataque. Segundo a descrição dos soldados comissionados era “a modelo de fuerte”. Para chegar a ele era necessário atravessar vários rios, alguns de águas profundas, atravessar uma mata cerrada, subir alguns degraus até chegar a uma clareira que haviam aberto para estabelecer-se. Aqueles degraus serviam de defesa, pois, se destruídos, ficaria impossível alcançar aquele ponto. Tanto assim que, como dissera um dos militares: “*si ocho días más hubieran tardado en solicitud de ellos, después ni mil hombres que hubieran ido los habrían sacado de su fortificación*”.

A denúncia da fuga dos escravos foi feita por Dom Mariano Matute no dia 30 de setembro ao alcaide ordinário de Cartago, Dom Juan Bautista Sanz y Vicuña. Depois desta denúncia se sucederam as dos outros fazendeiros, que, alarmados do fato, se ofereceram eles próprios a participar da captura. Dado que a pequena vila carecia de um corpo de armas, designaram alguns comissionados, “*hombres montaraces*”, para que reunissem gente suficiente para capturar os fugitivos. Estes e os demais que se juntaram, que formaram um corpo de trinta, eram homens de confiança dos fazendeiros, que lhes forneceram armas e alimentos para a empresa. Mas somente quando Juan de Rojas, alcaide indígena do povoado de Cerritos, viajou a Cartago a entregar o lugar exato onde se achavam os escravos que a expedição partiu em sua busca. Fizeram formação na Praça Maior da vila às duas e meia da tarde, quando o alcaide leu o bando que os autorizava a que “*si no se diesen ni rindiesen las armas, y embistiesen o formaren batalla, den la voz que maten al enemigo, para que los demás desembarazados puedan hacer prisión de los otros, sin permitir peligro, ni pérdida de los fieles y obedientes vasallos que los acompañan*”. O percurso feito pela esquadra foi similar àquele realizado pelos escravos, toda vez que iam guiados pelo delator, o alcaide indígena, que era experiente em percorrer aquelas paragens.

O propósito da sua fuga não era inventar uma nova cotidianidade. Suas atividades eram as mesmas, só que agora livres das restrições da escravidão. Para isso se preparavam havia tempos, quando haviam escondido as

sementes de milho. Nas poucas semanas que conseguiram manter em seu *palenque* sua vida tinha a rotina própria do povo do campo. Segundo uma disposição de gênero, os homens se ocupavam de cultivar milho e feijão, caçar veados e pescar no rio. As mulheres assavam carnes, bananas e espigas de milho em uma assadeira que haviam instalado sobre pedras. Durante a noite conversavam e rezavam o rosário, para pedir por suas vidas. Além disso, sabemos que dormiam em casais, ainda que não fosse pelo rito católico. Suas casas, espécie de cabanas, que apenas construíam, permitiriam a organização de cada família e o decoro do povoado. Assim, com dificuldade, a rotina das sociedades livres dos *palenques* podiam resumir-se às atividades da época.

Segundo o testemunho dos comissionados, ao chegar ao local, encontraram vários ranchos recém-construídos, e mais adiante um murmúrio de vozes, que descobriram ser dos escravos. Os homens se encontravam ocupados em construir um rancho e as mulheres estavam assando plátanos debaixo de uma ramada que haviam erguido. Depois de se dispersarem de tal forma que assegurassem tê-los cercados, Joaquín Suárez gritou mais de vinte vezes que em nome do Rei se rendessem e se entregassem presos. A esta chamada os escravos responderam “jamás”, e brandiram machetes e lanças que haviam feito com chonta, um arbusto da região. No embate, os mais aguerridos foram o negro Andrés, a negra Manuela e o escravo Atanásio. Do combate saíram feridos Atanásio, com um golpe na cabeça, uma ferida no ombro, outra no mamilo direito e em um dedo da mão; André e Manuela com distintas contusões na cabeça. Os outros companheiros foram reduzidos ou não opuseram maior resistência. Pouco depois apareceu Prudêncio e o negro Juan Manuel, os quais haviam saído para caçar caïtutus, um mamífero próprio das quentes terras americanas. Prudêncio não pôde dar um passo quando teve várias armas sobre seu corpo, e Juan Manuel que os enfrentou intensamente, rodeado por vários soldados, recebeu um golpe seco na cabeça que o deixou inconsciente durante um bom tempo. Reduzido e impotente, Prudêncio maldice: “*voto al demonio, que si yo hubiera estado aquí no nos hubieran cogido, porque o nosotros los hubiéramos matado o ellos nos habrían acabado*”. Foi então quando descobriram que faltavam dois, o escravo Juan José e o livre Vicente Dosaga, os quais, ao escutarem a algazarra se ocultaram no monte. Uma vez aprisionados, os amarraram e, junto a suas

armas e escassos bens, foram levados à prisão de Cartago, em meio à comoção do povo.

As razões da fuga

As confissões, declarações e testemunhos obtidos no processo feito aos escravos e livres que pretenderam estabelecer o *palenque* de Cartago compõem um material de indiscutível interesse. O documento revela especialmente todas as tensões do sistema escravista mas, também neste caso, a ansiedade das autoridades por desvelar um autêntico complô. Toda a região do Vale do Rio Cauca, que compreende em seu ponto mais ao norte a Cartago, povoada de fazendas com pequenos trapiches, cultivos e gados, viveram entre as décadas de 1760 e 1780 uma espécie de permanente medo e inquietude sobre possíveis levantes de escravos. Na verdade, este temor não passava de uma invenção sem nenhuma razão efetiva para existir. Provavelmente este medo se difundia com a intenção de justificar a sevícia e os maus-tratos de muitos senhores.

A fuga dos escravos teve causas precisas, pelas quais os escravos e livres que os acompanharam buscavam escapar das formas insidiosas da escravidão, ainda que também de um sistema que impedia a realização pessoal, ou seja, cada um dos participantes na fuga tinha intensas razões para buscar uma nova vida, sem que isso estivesse fundado em um discurso elaborado contra a escravidão. Foi o encontro, provavelmente nada ocasional, destes sujeitos inquietos, que não ocultavam seu mal-estar, o que os uniu para a realização desta incursão cimarrona.

Uma das principais causas expostas pelos escravos para a fuga foi o temor de castigo de seus senhores. Vários deles expuseram de forma detalhada o temor de serem castigados por pequenas faltas cometidas. Escravo de Mariano Matute, de 16 anos de idade, Juan José declarou que temia que seu senhor o castigasse com o chicote por não ter encontrado um cavalo que estava encarregado de buscar. Escravo de Dom Pedro de Aguillar e com 30 anos de idade, Simon confessou que havia fugido porque seu amo o tinha ameaçado com cem açoites. Escravo de Jacinto Usechi e de 20 anos de idade, Juan Manuel declarou que seu amo lhe havia dado vinte e cinco açoites porque lhe mandou ir cedo a Cartago e não o fez. Escrava de Dom

Simon de Soto, de 30 anos de idade, Paula fugiu atemorizada quando perdeu um colar de ouro e esmeraldas da senhorita Leocádia, filha de seu senhor. Escravos do Dr. Dom Francisco de Castro e Dom Mariano Matute, ainda que não mencionassem surras ou açoites, Atanásio de los Santos e Andrés fizeram menção ao maltrato verbal e às permanentes ameaças que lhes faziam. Assim parece que, ainda que em Cartago a escravidão e posse de escravos fossem fenômenos estendidos, onde não havia uma notável concentração de escravos e estes geralmente viviam em pequenos grupos fazendo trabalhos domésticos, o castigo com chicote era uma prática corrente. É provável, também, que o paternalismo dos senhores, expressado através de certas condições de vida, se combinasse na forma natural com a severidade e sevícia dos castigos.

A segunda razão com que justificaram os escravos sua fuga foi o de estarem aborrecidos com seus senhores e não conseguir que fossem vendidos a outros, razão que é difícil apreciar, mas que devemos entender como o esgotamento das formas de convivência devido ao trato. Também, e isso é muito importante, as condições de vida nas quais os escravos não conseguiam acertos que permitissem ter um pecúlio e construir a esperança de poder comprar sua liberdade. Efetivamente, parece, não eram poucos os escravos que faziam acordos paga o pagamento de um jornal aos seus senhores, ou os que podiam destinar alguns dias da semana para si, especialmente buscando ouro nos ricos riachos da região. De fato, Prudêncio, sua esposa Martina e Manuela, de 25 anos, todos escravos de Mariano Matute, expuseram estas razões.

No entanto, uma razão muito importante para a formação deste *palenque* parece haver sido a busca de estabilidade para uma série de relações legítimas e ilegítimas entre o grupo dos fugidos. Andrés, por exemplo, afirmou que seu patrão não permitia que sua esposa, uma mulata de nome Simona Lerma, vivesse na fazenda onde o mantinha trabalhando. Em tais circunstâncias, parece, Andrés manteve amizade ilícita com a escrava Paula, pois foi com esta com quem fugiu e com quem dormiu os dias que durou o *palenque*. Inclusive, quando lhe perguntaram sobre a intenção das mulheres que os acompanharam, respondeu que era “*estarse con ellos en mala amistad, cada una con el mancebo que tenían*”. Ainda assim Juan Manuel, o escravo castigado com 25 açoites por seu senhor, declarou haver levado

consigo a mulata livre Maria Avellaneda, de 16 anos, com quem fazia um ano e meio mantinha amizade ilícita. Maria, que disse viver sob a tutela de sua mãe, deu como testemunho haver sido induzida violentamente por Juan Manuel, com a idéia de levá-la primeiro a Cáli e logo às minas do Choco. É provável que sua declaração buscasse atenuar seu castigo negando toda a responsabilidade. Além disso, sua mãe nunca denunciou sua ausência, nem apareceu para depor no processo. Igualmente, Juana Maria Romero, livre, natural de Ibagué, de 19 anos e de ofício costureira e parteira, reconheceu que mantinha uma relação ilícita com o negro Simon, com o qual pretendia casamento. Ainda que declarasse que este a tinha tirado de casa, não manifestou que houvesse sido com violência. Estes três casos permitem advertir que havia um motor explícito na fuga e era estabelecer uma comunidade livre das limitações que a sociedade colonial impunha para estabelecer os casais.

Efetivamente, Cartago tinha uma elevada população escrava e vivia uma intensa mestiçagem, porém, muitas destas uniões, especialmente as entravadas por escravos e livres, não eram reconhecidas e deviam existir na clandestinidade. Não era aceita socialmente a união de uma moça livre, ainda que parda ou mulata e pobre, com um negro escravo. Tampouco para o senhor do escravo era aceitável este tipo de união, por tudo o que contrariava sua posse e domínio. Estas uniões, num beco sem saída, só tinham como alternativa a fuga, decisão final e desesperada que podia trazer as piores conseqüências, como, em efeito, neste caso houve. O objetivo destes casais, eles mesmos o definiram como “*poder vivir libremente*”, ou seja, seu romance, seu afeto. O juiz, inquieto sobre esse particular, perguntou repetidamente como dormiam. Marcos, o filho de Prudêncio, respondeu: “*que cada uno llevaba su mujer, con quienes se acostaban a dormir; el Andrés con la mulata Paula de Don Simón de Soto; Simón con Juana Romero libre; Juan Manuel con Maria Avellaneda también libre; y Vicente libre con su mamá Manuela...*”. Mais preciso, Atanasio declarou: “*Que a Maria Avellaneda la llevó Juan Manuel para dormir con ella; a Paula, Andrés negro; a Juana Romero, Simón negro; y Manuela se la daba el capitán al confesante, quien no la quiso admitir, por lo que se la endosó a Vicente Dosaga. Y que es cierto que cada uno de los dicho dormían juntos como marido y mujer, unidos en todo*”. Além disso, acrescentou que o fim destas mulheres livres ali “*era para estarse con*

ellos en mala amistad, cada una con el mancebo que tenía". Prudêncio, o chefe, esclareceu o papel de Manuela. Sobre isso disse: " *Y que con el motivo de ir sola la negra Manuela dispuso el declarante les hiciera de comer, y atendiera a Vicente y al negro Atanasio porque no llevaban mujer para ello*".

Richard Price, o grande especialista em *palenquese* quilombos americanos, advertia que um dos pontos críticos destas sociedades era sua falta de mulheres, e os problemas que isso provocava.⁷ Isso explica a enorme clareza que tinha o negro Prudêncio ao buscar assegurar-se de mulheres. O outro aspecto significativo é o de que tudo apontava para a constituição de uma sociedade de família. Isso é observável no fato de que durante o tempo que durou o *palenque*, o grupo se dedicou a construir cabanas. No momento que foram capturados estavam construindo a quarta, como querendo assegurar uma para cada casal ou grupo familiar.

De modo muito espontâneo alguns escravos declararam ao juiz que sua intenção era ir viver em liberdade. A escrava Manuela, por exemplo, disse: " *el fin por el que se huyó fue irse a vivir con los demás compañeros en el monte*". A negra Maria Martina também coincidiu em que o propósito era " *hacer sus ranchos y vivir allí*". Simon, com confiança, afirmou que tinha a intenção de buscar ouro em alguma quebrada, para resgatar-se e casar com sua concubina, e " *ponerse en gracia de Dios*". E a dubitativa Maria Avellaneda confessou que sempre escutou dos demais o desejo de " *vivir libremente*", ou seja, não cabe dúvida, que bem desde o início já na construção de sua pequena fortaleza a idéia de liberdade tomava consciência em cada um. Não obstante, é difícil afirmar que houve um plano real de atentar contra o sistema colonial e menos contra a ordem estabelecida. É certo que alguns, especialmente Prudêncio e Andrés, falavam em ocasiões de voltar à cidade pelos escravos de algumas fazendas. Certamente, paisanos e amigos, alguns dos que estavam comprometidos no plano inicial e nunca chegaram à ramada do trapiche na noite marcada. Dado que os testemunhos dos escravos foram obtidos sob tortura, fica menos crível a pergunta que fizeram a todos os cimarrones sobre se era verdade que pretendiam voltar à cidade para exterminar todos os brancos e levar as mulheres. Típica obsessão colonial, em particular das sociedade escravistas, que revela mais o profundo temor, em ocasiões paranóico, dos senhores do que a verdadeira intenção dos escravos. Finalmente, a relação dos escravos com os indígenas uma vez mais se

apresenta ambígua. A alusão aos supostos indígenas Cocamas, rebeldes que os salvariam, era imaginária, sem nenhuma base real. Os Cocamas não existiam. Assim mesmo, enquanto foram ajudados pela índia Maria e o índio Pedro Yara, seu alcaide os entregou às autoridades brancas.

É bastante plausível a afirmação de alguns de que buscavam poder trabalhar nas minas para reunir o dinheiro de sua liberdade. Esta explicação, que podia tentar atenuar o rigor do castigo, encaixa na lógica dos escravos integrados ao sistema. Juana Maria Romero não teve dúvidas em observar que tomavam direção à boca do Rio Otún para buscar ouro “*y pagar los corridos a sus amos*”. María Martina, ainda assim, insistiu que “*iban a buscar oros con qué libertarse y mandar los corridos*”, ou seja, no fundo, sua intenção era isolar-se da sociedade branca, convertendo-se em lavradores e mineiros independentes, como então o faziam inúmeros mestiços e mulatos livres.

Cimarrones devotos

Ao que parece, foi Prudêncio, líder e cabeça do grupo, o encarregado de reunir os elementos indispensáveis para o estabelecimento do *palenque*. Ao final, com os que partiram foram: uma escopeta, duas lanças, passadores, machetes, uma barra, uma enxada, uma pá e dois machados. Peças todas que lhes serviam para caçar, cultivar a terra e para defender-se em caso de um ataque. Todas pertenciam à fazenda de seu senhor, de onde as tirou uma a uma. No entanto, é muito interessante o fato de que também roubou e incorporou como peças importantes para a viagem distintas imagens de caráter religioso (chamada “efígies” no documento): um Jesus Cristo de metal, uma estampa de papel de Nossa Senhora de Guadalupe, outra estampa de Nossa Senhora de Belém, um quadrinho de Santa Bárbara, uma caixinha com uma efígie de Santa Gertrudes (a que alguns chamaram Rita) e uma estampa de papel de São Ramón.

O fato não passou despercebido para o juiz do caso que, no interrogatório, insistiu em perguntar com que propósito levavam ditas imagens. Com pequenas diferenças, todos responderam que para que os protegessem em seu empenho. Que para isso haviam feito um altarzinho e todas as manhãs e as noites rezavam. Que logo depois de rezar se “*encomendaban a Dios*”, e que algumas noites havia encabeçado a oração do rosário o mulato

Prudêncio, outras Simon e outras Paula, e os demais faziam o “coro”.⁸ Estas imagens estavam associadas ao futuro do pequeno *palenque*, pois, como vários afirmaram, tinham planos de que, se sua intenção tivesse êxito, construiriam uma capela e levariam um sacerdote de Cartago que lhes desse missa.

A presença de imagens religiosas nos *palenquese* quilombos americana é um fato inquietante. É compreensível que nos *palenques* dos séculos XVI e XVII, conformados principalmente por escravos recém-chegados da África, existissem e tomassem vigência os ritos e imagens religiosas ancestrais dos escravos. Também entre eles ocorreu um intenso sincretismo religioso, com ritos e cantos que combinavam o católico e o africano. Foi neste contexto, por exemplo, que, na Bahia, os escravos de *palenques* transformaram Santo Antônio em protetor dos cimarrones. Não foi este o caso dos escravos de Cartago. Sua crença religiosa católica não parecia ter discussão, e é difícil advertir formas de sincretismo. Ao menos o documento não o fala, contudo, especialistas no tema observam que as autoridades se ocupavam mais em buscar armas que em descobrir estas evidências, em ocasiões sem nenhuma materialidade.

Sabemos, sim, que os juizes duvidavam de sua real compreensão de certos atos de fé. Por exemplo, se davam ao trabalho de explicar com toda a paciência que o que fossem dizer em suas declarações era feito sobre um grave juramento diante de Deus. Forma sutil, provavelmente, de atemorizar e induzir a verdade, contudo, é evidente que estes escravos haviam recebido uma mensagem que sabiam adaptar a suas necessidades. Suas rezas estavam dirigidas a pedir aos santos proteção e apoio para alcançar a felicidade. Não parece que a instrução religiosa promoveu neles uma cultura passiva e conformista da escravidão. Sobre isso, Eugene Genovese afirmou que a adesão dos escravos à religião dos senhores podia se converter em uma poderosa “*defensa en contra de la deshumanización implícita en la esclavitud*”, com a qual os escravos, “*al acercarse a una religión que supuestamente debía asegurar su complacencia y su docilidad, rechazaban la esencia de la esclavitud proyectando sus propios derechos y valores como seres humanos*”.⁹

O poderoso papel outorgado às imagens religiosas, como a compreensão de que elas faziam parte de uma comunidade cristã, explicam seu apego a elas e sua decisão de levá-las, inclusive roubadas. Sem a presença do Santo

Cristo e as distintas imagens pareceria que o *palenque* carecia de sentido e de futuro. Cabe perguntar, ao menos, pela relação simbólica de Prudêncio, seu líder, que assumia como sacerdote nas orações que se faziam naquelas noites. Líder, guia e protetor, Prudêncio teve sempre presente a necessidade de levar Cristo e as imagens de todos estes santos.

Um mundo jamais imaginado

A investigação sobre o *palenque* frustrado revelou a existência subterrânea de uma organização dos escravos bastante chamativa. Como paródia, ou como sociedade alternativa, na própria cidade de Cartago os escravos elegiam anualmente seu governo da mesma forma que os brancos. Desde algumas décadas antes, em cada primeiro de janeiro, os escravos faziam assembléias e votações às quais chamavam cabildo. Nestas nomeavam vice-rei, governador e tenente, ao modo do governo hispânico. Mas também elegiam autoridades na forma das sociedades locais. Nestas nomeavam Alferes Real, “alcalde provincial”, “alguacil mayor”, “depositario general”, “regidores”, “alcaldes ordinários”, “alcaldes de la Santa Hermandad” e “alcaldes pedáneos”.¹⁰ Cada ano as sessões se realizavam em casas distintas, especialmente nas dos nomeados. Nos últimos dois anos se haviam realizado na casa da negra Dorotea Serna e na do negro Silvestre, este último, escravo de Dom Gregório Simon del Campo. Na cerimônia, com tom de solenidade, se fazia a entrega de “*bastones de palo*”, aos Vice-reis e governadores por um período de dois anos, e aos demais de um ano. O uso dos bastões demonstrava aos demais sua dignidade durante o tempo da eleição.

A cerimônia também tinha um ar decididamente festivo. Quem era nomeado devia custear os festejos e o que fosse consumido. Estabelecidas as dignidades se dava lugar “*al baile y a la alegría*”, e também a bebida (consumo de um refresco, segundo o documento). Também se fala que estas autoridades mantinham uma prisão com tronco para castigar aos que não obedeciam. Tratava-se, parece, da construção de outra cotidianidade, na qual se sentiam mais próximos e identificados, ainda que não haja dúvida de que o evento revela a existência de hierarquias e divisões no interior do mundo dos escravos e dos negros, pois aqueles que eram nomeados deveriam ter casa e meios para custear a celebração. O mulato Silvestre, que foi chamado

a declarar a raiz destas confissões, com o fim de simplificar a transcendência política destas reuniões, disse que eram “*juegos de muchachos*”.¹¹ Igualmente, Martina afirmou que “lo hacían por juego y diversión y no se siguió daño a nadie”.¹²

O significado destas reuniões não passou despercebido às autoridades. Para o juiz, tratava-se de uma perigosa suplantação da autoridade e uma ridicularização da ordem real. O mero fato de nomear vice-reis e governadores lhe parecia a semente de uma insurreição geral. Para os escravos, negros e mulatos, a recriação de alguns vínculos e solidariedades, através da adaptação de um sistema de governo que lhes era estranho, mas não desconhecido. Uma influência precisa destes cabildos.¹³ Podemos ver no fato de que quase todos os escravos que fugiram participaram deles, alguns já havia dezenove anos. Prudêncio, que era dos mais assíduos, fundou sua liderança, além disso, por ser capitão de campo de sua fazenda, razão que lhe permitia manter uma hierarquia de prestígio entre os escravos de fazenda e depois entre o grupo de cimarrones. Recorde-se a respeito que sete dos dez escravos provinham da mesma fazenda do Dr. Mariano Matute. Cada um dos membros do grupo aceitou de maneira natural seu guia e hierarquia. A única lei que pareceria se fosse estabelecida era a de que, quem não quisesse obedecer e fazer o que ele mandasse, seria melhor regressar.

O castigo

O processo levado a cabo contra os cimarrones de Cartago revelou as contradições da justiça colonial, entre a severidade e o rigor dos juízes da distante capital Santa Fé e dos acessíveis alcaides locais, e entre o poder dos fazendeiros regionais e a obediência dos fiscais. Os senhores, temerosos de perder seu patrimônio no caso de que os escravos fossem sentenciados a pena capital, buscaram atenuar a gravidade de sua ação. Seu defensor, Dom Antônio Hurtado y Pontón, insistiu que jamais se havia consumado um delito contra “*la lessa majestad divina y humana*”, e que “*el afecto de ser libres a los esclavos les es lícito como connatural*”.¹⁴ O alcaide local, interessado em acalmar os ânimos, pouco fazia para agilizar as diligências que conduziram à sentença. Um ano depois, o fiscal do caso, ofuscado com a apatia do alcaide e dos funcionários locais, enviou uma relação do acontecido à Audi-

ência, a qual, em forma severa e imediata, exigiu que os escravos fossem enviados à capital, fato que não pôde ocorrer tão rapidamente, pois a alcaidaria carecia de recursos para custear a comitiva de guardas que deveria ser conformada, gasto que a Audiência, uma vez mais, impôs aos senhores dos escravos.

Os escravos Prudêncio, Andrés, Simon, Juan Manuel e Atanásio foram tirados sigilosamente de suas celas às doze da noite do dia 16 de março de 1786. Uma vez reunidos no pátio da prisão, receberam uma manta, logo os acorrentaram e encaminharam a percorrer os trezentos quilômetros que separavam Cartago da capital. As condições da viagem e a miserável vida que encontraram na prisão Real de Santa Fé afetaram fatalmente a saúde destes escravos. Andrés, o mais velho, faleceu na prisão, e Simon, antes que saísse a sentença, já havia perdido a razão.

Mudar a sede do processo permitiu aos juízes da Audiência montar seu pequeno teatro de castigo e aplicar sua justiça exemplar. A punição e o suplício público aplicado sem esforço era uma autêntica pedagogia do medo para os demais. No dia 3 de novembro de 1787, Prudêncio foi sentenciado a duzentos açoites e oito anos de trabalho nas galeras de Cartagena; a Juan Manuel e Atanásio duzentos açoites e seis anos de trabalho em Cartagena; e a Simon duzentos açoites e dois anos de galeras em Cartagena. “*Y que después de cumplidas estas condenaciones, sus dueños dispusieren de ellos, con las precauciones de que no los pudieren internar en aquéllas provincias*”.¹⁵ Enquanto isso, na cidade de Cartago, foi anunciada publicamente a sentença contra os demais acusados. O texto lido na praça, diante do povo que escutava com expectativa diz assim:

... hallo que debo condenar y condeno a Cristóbal mulato en cien azotes, porque habiendo sido sabedor de la fuga no dio aviso; a las negras Martina y Manuela, y a la mulata Paula en doscientos azotes; a la primera por haber sido en la fuga [ilegible], la tercera que ha hecho, y haber invitado con esta y sus insinuaciones a su marido Prudencio, que hizo de capitán. Y en ciento a cada una de las otras dos. En otros ciento al indio Pedro Yara, por el auxilio y aviso que les dio; en cincuenta a la india Maria de los Arcos, por la acogida que les hizo; en otros cincuenta azotes a Juana María Romero y en veinticinco a Maria Avellaneda, por haber acompañado a los insinuados prófugos, y aunque por esto le correspondía

igual pena, se les aminora con atención a la edad, por ser al tiempo del delito, aquella de dieciocho y ésta de dieciséis años. Por la misma consideración no se aplica pena alguna a los párvulos Marcos y Cristóbal... ni al negrillo Juan José...pero para que les conste, se mantendrán presentes y el último maniatado y con sogas de esparto al cuello, ínterin son azotados los que van nombrados. Para que éstos reciban lo que efectivamente les van asignados, se pondrán ocho postes en línea recta, cerca de la mitad de la plaza, y cada uno será atado al suyo, permaneciendo allí desde la hora en que se haga la ejecución hasta que se ponga el sol...y aunque no se considera peligro, ni remoto de algún insulto de los demás esclavos, porque no falte precaución, o sea más espectable el castigo, permanecerán de centinela, en cada una de las cuatro esquinas de la plaza, once hombres armados... renovando de hora en hora;...después será puesta a cada uno de los reos una calza con su ramal, que todo pese doce libras para los mayores y ocho para los dos menores y descubiertamente la lleven por tiempo de dos meses sin quitársela, so pena de que les sea aplicado a los amos o más personas que los coadyuvasen; en esta forma serán entregados los esclavos a sus amos, que tendrán prevenidas las dichas calzas con sus ramales, los dos indios al alcalde de su pueblo y las dichas Juana Romero y Maria Avellaneda, a sus madres...¹⁶

A severidade da condenação, seu caráter público, o castigo do corpo, a teatralidade buscada, sua falta de piedade a obrigar aos menores a observar o castigo de suas mães e ao castigar uma idosa, tudo sublinha o sentido exemplar da justiça colonial. Com isso se buscava advertir e prevenir não somente aos outros escravos, mas também aos mestiços, mulatos, a todos os livres, inclusive aos brancos, de que a colaboração com todos os escravos que pretenderam a liberdade e que violaram a docilidade, seriam severamente castigados. Introduzia-se, assim, uma fratura na sociedade paternalista, permissiva com os cabildos de escravos, na que muitos valores eram compartilhados pelos escravos e seus senhores. Neste caso, a mão da justiça do Rei atuou projetando os princípios que guiavam as reformas bourbônicas.

Conclusão

Se a cimarronaje era uma nostalgia da África, como diz Roger Bastide, o *palenque* de Cartago pouco foi. Não se tratou de uma insurreição de

escravos boçais, recém-chegados das feitorias que rechaçavam seu traslado ao Novo Mundo. Tratou-se, como vimos, de um movimento de escravos crioulos que buscaram viver sem as ameaças e coerções insidiosas do sistema escravista. Isso não quer dizer que buscavam destruí-lo. O *palenque*, é certo, se constituía no sonho de viver em liberdade, isolados da sociedade branca. Uma comunidade na que cada família teria seu rancho e cultivaria sua terra. Provavelmente seu ideal era de converter-se em pequenos agricultores, como tantos mestiços e mulatos o eram, mas também era o trabalhar nas minas livremente para pagar sua liberdade, querendo com seu trabalho restituir aos seus senhores o que perdiam com sua violenta ação, ou seja, não aspiravam a outra coisa que fazerem-se trabalhadores livres em uma sociedade de fronteiras abertas, e na que cada vez a legitimidade e força do sistema escravista se perdia.

Em suma, o *palenque* de Cartago, como tantos outros movimentos, pode ensinar-nos que a vida colonial esteve forjada por permanentes buscas de liberdade e autonomia. Isso é bastante claro no caso de escravos, mas também de indígenas, mestiços e mulatos.¹⁷ A relação de escravidão compreendia em forma tácita a possibilidade do castigo ao escravo. Conhecemos a existência de zonas de terror, onde a sevícia e a violência atuaram ao seu capricho. Por exemplo, plantações ou minas nas quais os senhores e capatazes tinham o domínio da lei e da justiça. No entanto, parece, foram muitos mais os lugares onde o sistema de controle combinava o paternalismo e o castigo. E foi nestes onde os protestos dos escravos e suas fugas foram mais freqüentes, quase como se expressassem em maior grau uma atitude contra os maus-tratos e uma esperança de liberdade. De fato, foram regiões, também, nas quais a lenta dissolução do sistema escravista iniciou por conceder dias para trabalhar livremente e encontrar seu sustento. Os escravos do *palenque* de Cartago, como bem advertiu, em uma carta, Dona Petronila de la Cruz, esposa do fazendeiro Mariano Hormaza, só estavam adiantados ao seu tempo.¹⁸

Tradução: Tiago Luís Gil

Notas

¹ Este estudo está baseado extensamente no processo judicial [AGNC, Negros y Esclavos, Cauca, tomo 2, fols. 206-357]. O primeiro que identificou este evento foi Jaime Jaramillo Uribe em “*Esclavos y señores en la sociedad colombiana del siglo XVIII*”, ACHSC, 1, Bogotá, 1963. Outros autores comentaram distintos aspectos deste movimento: Anthony Mcfarlane, “*Cimarrones y palenques en Colombia, siglo XVIII*”, em *Revista Historia y Espacio*, Cáli, 14, 1990. Guido Barona, “*La atrocidad de la justicia y el carácter ejemplarizante de la justicia del Rey. Popayán, siglo XVIII*”, 1990, inédito. Hermes Tovar Pinzón, *De una chispa se forma una hoguera: esclavitud, insubordinación y liberación*. Tunja, UPTC, 1992. Francisco Zuluaga y Amparo Bermúdez, *La protesta social en el suroccidente colombiano, siglo XVIII*. Cáli, Universidad del Valle, 1997. Mais que em sua ideologia ou em suas possíveis pretensões revolucionárias, neste escrito procuro deter-me a observar as condições de vida, as penúrias e os efêmeros gozos dos escravos de Cartago. Uma versão algo modificada do presente artigo foi publicada no livro *Tradiciones y conflictos. Historias de la vida cotidiana en México e Hispanoamérica*. México: El Colegio de México, 2005.

² Sobre o Código Negro Carolino (1784) e sua aplicação, ver Manuel Lucena Salmoral, *Sangre sobre piel Negra*. Quito, Editorial Abya-Yala, 1994, pp. 204-206.

³ Sobre o clássico Palmares podem ser lidos vários ensaios contidos em João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (editores), *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. Sobre o conhecido *San Basilio de Palenque* de Aquiles Escalante há várias edições.

⁴ Refere-se aos escravos fugidos [Nota do tradutor].

⁵ Ver Carlos Ramiro Bravo, “*Papel de la esclavitud en la sociedad colonial cartagüeña*”, em *Revista de Ciencias Humanas*, 2, No. 5, Sep. 1995, Pereira, p. 87.

⁶ Orián Jiménez, *El Chocó: un paraíso del demonio. Novita, Citará y el Baudó. Siglo XVIII*. Medellín, Universidad Nacional, 2004, pp. 57-107.

⁷ Richard Price (compilador), *Sociedades Cimarronas: comunidades esclavas rebeldes en las Américas*. México, Siglo XXI, 1981, pp. 28-29.

⁸ AGNC, documento citado, fol. 215r.

⁹ Eugene Genovese, *Roll Jordan Roll: the world the slaves made*. New York: Vintage Books, 1976, p. 7. Citado por Anthony Mcfarlane, “*Cimarrones y palenques en Colombia, siglo XVIII*”. Em *Historia y Espacio*, 14, junio de 1991, pp. 70-71.

¹⁰ Aspas do tradutor. Para um maior aprofundamento no significado destes cargos, ver: LYNCH, John. *Administración colonial española: 1782-1810*. Buenos Aires: Eudeba, 1967 [Nota do tradutor].

¹¹ AGNC, Ibid, fol. 283r.

¹² Ibid, 220v.

¹³ Aspas do tradutor.

¹⁴ Ibid. 328r.

¹⁵ Ibid. Fol. 414r.

¹⁶ Ibid. 379-380.

¹⁷ Sobre isso, ver os sugestivos estudos incluídos no livro de David G. Sweet y Gary B. Nash, *Lucha por la supervivencia en la América colonial*. México, Fondo de Cultura Económica, 1987.

¹⁸ Ibid. fol. 328v.

RESUMO

O artigo analisa em um quilombo algumas das características das revoltas escravas na Nueva Granada do século XVII, com ênfase para as fugas e os castigos a escravos. Tais escravos postulavam viver como camponeses, como tantos mestiços livres de então. Palavras-chave: Palenque, cabildo de escravos, castigos exemplares, família escrava.

ABSTRACT

Based on the case of Cartago palenque, this article analyses some of the characteristics of the slaves uprisings occupied in the Nueva Granada kingdom during the XVIIth Century. It explains the causes of the slaves scape, their life circumstances in the farms and in the small town of Cartago. It also analyses the type of punishment exerted on these slaves.

Key words: Palenque, slaves town council, severe punishment, slave family.

(recebido em junho de 2005 e aprovado no mesmo mês)